



METAFOTOGRAFIA
modos de estoriografar

CHRISTUS NÓBREGA

VOZVISUAL

METAFOTOGRAFIA

modos de estoriografar

CHRISTUS NÓBREGA

METAFOTOGRAFIA

modos de estoriografar

CADERNO DE/ARTISTA

Autor/Editor: Christus Nóbrega
Projeto Gráfico: Christus Nóbrega
Fotografias (págs. 46–53): Vicente de Mello
Impressão: Galeria Gráfica e Editora
Papel: Pólen Bold 90g/m²
Fontes: Crimson Pro e Alternate Gothic
Tiragem: 100 exemplares

NÓBREGA, Christus Menezes da.
Metafotografia: modos de estoriografar / Christus Menezes da Nóbrega.
– Brasília: VozVizual Editora, 2025.

40 p. : il. ; 21 cm

ISBN: 978-65-01-44865-7

1. Metafotografia. 2. Fotografia – Aspectos teóricos. 3. Fotografia – Análise. 4. Inteligência Artificial. 5. Estoriografia. I. Título.

CDD: 770.1

CDU: 77

V O Z V I S U A L



Sankofa é um conceito originário do povo Akan, de Gana, que transmite a ideia de que é preciso voltar ao passado para recuperar aquilo que foi esquecido ou perdido. Representado por um pássaro mítico que olha para trás enquanto segue para frente, o Sankofa ensina que o retorno às origens não é um retrocesso, mas um gesto de sabedoria e reconexão. Em contextos afro-diaspóricos, tornou-se um símbolo de resistência, memória e identidade, evocando o direito de resgatar histórias apagadas pela colonização, pela escravidão e por sistemas de opressão.

Brasília, enfim foi uma exposição inaugurada em 21 de abril de 2023, em celebração aos 63 anos da capital federal, sendo a primeira mostra no Brasil a empregar massivamente a inteligência artificial generativa na criação de obras. Concebida pelo artista paraibano radicado em Brasília, Christus Nóbrega, a exposição apresentou mais de 300 obras distribuídas pelos quatro museus que compõem o complexo cultural da Praça dos Três Poderes, em Brasília - DF. As obras dialogavam com os acervos históricos permanentes desses museus, compostos por fotografias e textos, criando um novo território que movia-se entre o histórico e o ficcional. Além de oferecer uma nova interpretação sobre a construção da capital federal, sua geografia, histórias e mitos, a exposição marcou a reabertura desses museus ao público após as depredações dos ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023. As imagens criadas para a mostra parecem pertencer a um suposto arquivo público, criando uma narrativa visual que convida o espectador a imaginar versões alternativas e utópicas da capital. Entre as mais de 300 imagens da exposição, esta publicação se debruça sobre a obra “João e Carlos” (2022) para explorar os conceitos de metafotografia e estoriografia propostos pelo artista. São noções que fundamentam uma possível leitura desta imagem e sustentam, também, o ordenamento técnico e poético de toda a série “Brasília, enfim”, buscando contribuir para a discussão sobre ética e as potencialidades da inteligência artificial na fotografia e na arte.



MEU João,

TÔ AQUI EM BRASÍLIA, ESCRIVENDO AS PALAVRA
PRA VOCÊ CADA LETRA CARREGANDO UM BOCADO
DE SAUDADE QUI ME APERTA O PEITO. TÔ APRENDENDO
A LER E ESCREVE. É ISSO MESMO. AQUI NO CATERO
DE LEITURA COM PAULO FREIRE, TÔ DESCOBRINDO
AS LETRAS E OS LIVROS. E NÃO É SÓ LER
AS PALAVRA NÃO! A GENTE TÁ APRENDENDO A LER
O MUNDO. ENTENDER AS COISAS. É UMA COISA BONITA,
JOÃO! A GENTE TÁ CONSTRUINDO A CIDADE, MAS
TÔ CONSTRUINDO UM OUTRO MUNDO AQUI DENTRO DE MIM
ENTÃO VEM PRA CÁ JOÃO! VEM VIVER COMIGO NESSA
BRASÍLIA QUI TÁ NACENDO. VEM PRA GENTE CONSTRUIR
NOSSA VIDA NESSE CHÃO NOVO!
A DISTÂNCIA DÓI, MAS NOSSO AMOR É MAIS FORTE QUE
QUALQUER DISTÂNCIA.

DESDE QUE SAÍ DE NOSSA PARAÍBA CADA DIA LONGE
DE VOCÊ É COMO UM DIA SEM SOL. BRASÍLIA, JOÃO
É UM LUGAR DE MUITA POEIRA E DE MUITA LIDA.
A GENTE TÁ FAZENDO UMA CIDADE DO NADA, UM
MONTE DE GENTE DE TODO CANTO JUNTANDO PEDRA
SOBRE PEDRA. MAIS TE DIGO, NO FIM DO DIA, QUANDO O
CANÇAO ME DEITA É A TUA FALTA QUE MAIS PESA.

AQUI É UM MUNDO DE GENTE E DE BARULHO,
TRABALHO QUI NÃO ACABA MAIS. MAS É TUA FALTA QUE
ME DEIXA O CORAÇÃO APERTADO. A TERRA AQUI É
VERMELHA. O CÉU É GRANDE, MAS NADA DISSO
IMPORTA MUITO SEM VOCÊ AQUI DO MEU LADO.
JOÃO, NESSE MAR DE TERRA E POEIRA AS COISAS VÃO
TOMA DO JEITO. A CIDADE VAI SE APRUMANDO. E TUDO
COMEÇA A PARECER COM ALGUMA COISA. MAS PRA MIM
BRASÍLIA SÓ VAI TER GRAÇA DE VERDADE QUANDO
VOCÊ CHEGAR. TE DIGO JOÃO, A SAUDADE É PESADA.
PESADA IGUAL AO SACO DE CIMENTO QUE CARREGO
TODO DIA PRA CIMA E PRA BAIXO. IMAGINO VOCÊ AQUI
E ISSO ME DÁ FORÇA PRA CONTINUAR. POR ISSO QUE TE
PEÇO, PENÇA COM CARINHO, VEM PRA CÁ A VIDA AQUI
NÃO É MOLESA. MAS TUDO FICA BOM QUANDO A GENTE TÁ JUNTO.

TE ESPERO
COM O CORAÇÃO CHEIO DE ESPERANÇA.

TEU CARLOS
SEMPRE TEU

BRASÍLIA,
28 NOVEMBRO DE 1956

◀ Meu João, 2022
Metadocumento / Impressão sobre papel jornal
21x29,7 cm

EXU

MATOU UM PÁSSARO

ONTEM,

COM UMA PEDRA QUE SÓ JOGOU

HOJE.

Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje.

Este provérbio Iorubá ecoa com um sentido de atemporalidade e ação que desafia a nossa compreensão de causa e efeito, assim como de tempo e espaço. Esse paradoxo pode ser uma forte metáfora para refletirmos sobre a maneira como percebemos e fazemos história. Ele nos lembra que, embora os eventos históricos tenham ocorrido no passado, a narrativa histórica é continuamente moldada e reconstruída no presente. Assim como Exu, que altera o curso do passado com ações executadas no presente, nós também lançamos nossa compreensão contemporânea sobre eventos passados, não apenas para compreendê-los, mas para dar sentido e direção para o presente. Este processo de reconstrução ativa nos permite descobrir novas narrativas para o ontem e ampliar nosso entendimento da história, demonstrando que ela, embora baseada em fatos passados, é efetivamente feita no hoje.

Guiados pelo provérbio Iorubá, como podemos interpretar a fotografia dos dois candangos, João e Carlos, se beijando durante a construção de Brasília? Os candangos, trabalhadores que enfrenta-

ram o sol escaldante para erguer a utopia modernista da nova capital do Brasil, são capturados em um momento de ternura íntima. Este beijo não apenas simboliza companheirismo, mas também laços forjados na adversidade e, possivelmente, um amor ousado e proibido. Surpreendentemente, essa fotografia foi revelada apenas em 2022, quase 70 anos após o ocorrido — revelação aqui tratada em seu duplo sentido: o primeiro como processo fotográfico e o segundo como ato de desvendar segredos.

Na fotografia clássica, a revelação é uma reação físico-química na qual as imagens latentes, invisíveis no filme exposto, são submetidas a determinadas substâncias que ativam um processo de transformação, tornando visíveis as impressões capturadas pela lente. Essa metamorfose do invisível para o visível é uma espécie de alquimia que fixa um momento no tempo-espacó, preservando-o contra o esquecimento. Metaforicamente, a revelação de um segredo segue um processo semelhante: as informações até então escondidas sob a superfície do desconhecimento são trazidas ao conhecimento público,

frequentemente alterando a percepção e a compreensão da realidade. Tanto na fotografia quanto na partilha de algo que estava oculto, o ato de revelar é uma ponte entre dois estados — a virtualidade e a existência manifestada.

A foto do célebre beijo foi revelada por uma pedra jogada hoje, mas que acertou seu alvo ontem. Apesar de só ter sido revelada, em 2022, fala de uma realidade vivida (ou virtual) há quase setenta anos atrás. O conceito de “virtual” é muitas vezes elucidado pela alegoria da semente usada pelo filósofo francês Gilles Deleuze, que distingue o virtual do possível. O virtual não é simplesmente algo que é potencial ou possível; é uma realidade rica e complexa que está ‘embutida’ como na semente de uma planta. Assim como uma semente contém o DNA — o código, o ‘plano’ — para todas as características futuras da planta adulta, o virtual é visto como uma entidade que contém todas as potencialidades que poderiam se desenvolver sob condições apropriadas. No entanto, diferentemente do possível, que é algo que pode ou não acontecer, o virtual é uma realidade que já possui uma

existência concreta na forma de potencialidades que estão esperando para serem atualizadas. Quando a semente brota, não é que o virtual se torne real; em vez disso, o virtual se atualiza. Esse processo de atualização transforma potencialidades em realidades manifestadas, assim como a semente se desdobra em uma planta. Igualmente, quando essa foto virtual do beijo entre João e Carlos é revelada, ou seja, brota à existência dentro do contexto contemporâneo, ela transcende a laténcia da película fotográfica e os corredores do tempo, assumindo um papel ativo na construção de novas memórias coletivas. Ela não apenas atualiza a percepção das potencialidades de realidade da época, mas, através de sua exposição, oferece um novo entendimento do passado, agindo como a pedra de Exu que muda a trajetória histórica. A imagem do beijo é uma semente que guardava em si uma verdade oculta, um ato de afeto que agora brota, oferecendo-se como um *metadocumento* que ajuda a problematizar a história oficial.

Quantos beijos como este aconteceram de forma virtual na época? Quantos se realizaram de fato, mas em lugares tão absolutamente

escuros que não seria possível sensibilizar os filmes fotográficos de ISO mais altos? Isso ressoa com a ideia de que cada momento histórico está repleto de experiências não documentadas, vidas não vistas e histórias não contadas.

Na sombra da narrativa oficial, existem múltiplas realidades que permanecem invisíveis aos olhos da posteridade. A revelação desta fotografia, tantos anos depois, convida-nos a refletir sobre essas realidades ocultas e a reconhecer que a história é composta tanto pelos eventos capturados e registrados quanto pelos que ficam fora do quadro. Ela representa os muitos atos de afeto e de existência que aconteceram longe das lentes e da luz, recordando-nos que o virtual e o atual não são categorias estanques, mas dimensões interconectadas. Através desta foto que reivindica o status de documento histórico, ou melhor de metadocumento, somos desafiados a reimaginar o passado com uma consciência mais ampla e inclusiva, uma que abarque tanto as narrativas reveladas quanto as que ainda esperam na escuridão para serem trazidas à luz.

A ideia de que a fotografia documental tradicional (análogica e digital) captura a verdade objetiva é uma noção já frequentemente contestada. Essas fotografias são, em grande parte, a manifestação da subjetividade do fotógrafo: sua escolha de enquadramento, o que decide incluir ou omitir da cena, e como opta por apresentar os sujeitos. A verdade em fotografia documental é, portanto, não apenas filtrada pelas percepções do fotógrafo, mas também moldada por elas. Além disso, muitas dessas imagens são posadas ou dirigidas, onde o fotógrafo constrói ativamente uma narrativa, influenciando assim a “realidade” apresentada. Isso destaca não apenas a natureza construída da fotografia documental, mas também a sua capacidade de manipular a percepção do espectador, fazendo com que a “verdade” capturada seja tanto uma criação ficcional quanto um registro.

Por isso, a imagem do beijo entre João e Carlos reivindica o estatuto de documento, mas ciente de sua natureza particular prefere ser chamada de metadocumental. Um metadocumento é uma abordagem mais ampla e subjetiva da fotografia documental, que transcen-

de a “simples” captura de eventos ou realidades visíveis para explorar as camadas subjacentes de significado, contexto e interpretação dos fatos. Ao invés de registrar eventos, a metadocumentação busca deliberadamente (re)interpretar, (re)imaginar e (re)contextualizar esses eventos dentro de um quadro maior de significado, ampliando ou contradizendo as narrativas predominantes ou oficiais, como forma de estimular o pensamento crítico e imaginativo do passado para alavancar outros futuros.

Ao considerar a fotografia revelada quase 70 anos após o evento que ela pretende metadocumentar, introduzimos uma dimensão temporal expandida ao “momento decisivo”. O conceito tradicional de “momento decisivo” na fotografia, cunhado por Henri Cartier-Bresson, enfatiza a captura de uma cena que encapsula a essência de um evento em uma fração de segundo, onde composição e *timing* colidem para formar uma imagem poderosa e esclarecedora de um agora. No entanto, o paradoxo iorubá “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje” desafia e expande essa definição, su-

gerindo que o momento decisivo pode não ser apenas um ponto no tempo, mas um ponto de impacto onde passado, presente e futuro convergem. Não se trata mais apenas de capturar o evento conforme ele ocorre, mas de reconhecer o momento em que a importância do evento é percebida e materializada visualmente, mesmo que muito depois de ter acontecido relativizando tempo e espaço. Esse momento de realização e expressão torna-se o novo “momento decisivo”, um ponto em que o fotógrafo reconhece a relevância duradoura de um evento e o cristaliza em uma imagem. Assim, a fotografia se torna um portal através do qual o tempo é dobrado e a história é tanto registrada quanto revelada.

Essa ampliação do conceito acolhe a noção de que a fotografia é uma interpretação contínua e um diálogo com o tempo, onde a decisão de revelar um aspecto do passado pode ser tão crítica quanto o instante em que o obturador é acionado. Ao abraçar essa visão mais ampla, o “momento decisivo” transforma-se em uma intersecção dinâmica de narrativas e interpretações, ressaltando a fotografia

como uma forma de testemunho e reflexão que transcende as limitações temporais. Assim, essa foto do beijo desafia as narrativas dominantes da construção da capital brasileira, revelando uma camada de intimidade, humanidade e vulnerabilidade frequentemente ocultada pelo discurso oficial. Este beijo, escondido dos olhares do público por quase sete décadas, revela-se agora não apenas como um ato de afeto, mas como um ato de resistência e de dignidade na representação. Em tempos onde a masculinidade é frequentemente performada com rigidez e distanciamento, a imagem fala de uma masculinidade mais flexível, carregada de empatia e de íntima conexão. A fotografia, enquanto metadocumento, ou seja, metafotografia, apesar de imóvel, desafia o imobilismo social, político e cultural, tornando-se um ato de visibilidade e reivindicação de narrativas alternativas na história oficial.

O conceito de metafotografia amplia significativamente a função da imagem ao questionar e reinterpretar a forma como uma sociedade comprehende seu próprio passado, especialmente crucial em nações com histórias conturbadas ou em processos de reconciliação e

reconstrução da identidade nacional. Mais do que meramente afirmar “era assim”, a metafotografia incita reflexões do tipo “e se fosse assim?” ou “será que foi assim?”, promovendo uma reimaginação ativa da história. Esse processo não só contribui para a formação de novos imaginários culturais, como também oferece a oportunidade de representar personagens da história de maneira digna, rompendo com ciclos de violência e estigmas perpetuados por representações anteriores. Através da prática de dignidade na representação, a metafotografia tem o poder para retratar pessoas de maneira que preserve sua dignidade, evitando a perpetuação de estereótipos negativos e protegendo os sujeitos de danos adicionais. Este enfoque reflete um compromisso ético com a representação visual, ampliando o papel das imagens na sociedade ao estimular um diálogo construtivo sobre nossa percepção da história e de nós mesmos.

Por seu compromisso ético e educacional, a metafotografia, ou o metadocumento, distancia-se de qualquer relação com a pós-verdade. Embora envolva a reinterpretação ou reimaginação de eventos his-

tóricos, ela não tem a intenção de enganar ou apresentar falsidades como verdade. O termo pós-verdade geralmente está associado a circunstâncias onde os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais. A abordagem metadocumental se concentra em explorar as possibilidades do “e se” ou recontar eventos de uma perspectiva alternativa sem negar os fatos conhecidos, mas oferecendo uma nova visão que pode enriquecer a compreensão histórica. Essa prática pode incluir a criação de imagens que fazem as pessoas pensar criticamente sobre a história e suas narrativas. Ao contrário da pós-verdade, que muitas vezes visa obscurecer a verdade ou distorcer os fatos para influenciar a opinião pública, a metafotografia é um exercício de reflexão e questionamento que respeita a complexidade dos eventos e das experiências humanas.

Refletindo sobre a reconstrução e a reimaginação contínuas da história através da perspectiva contemporânea, as tecnologias de Inteligência Artificial (IA) emergem como ferramentas poderosas

nesse processo criativo. Especificamente, essas tecnologias são fundamentais (mas não exclusivas) para o desenvolvimento das metafotografias, que propõem uma nova maneira de visualizar e interpretar eventos passados. No entanto, para que uma imagem gerada por IA seja considerada uma metafotografia, ela deve seguir um determinado protocolo poético-operativo. Propomos que o processo de criação das metafotografias envolva duas etapas principais. A primeira etapa é o treinamento da máquina, durante o qual o sistema é alimentado com um vasto repertório visual e textual relacionado ao contexto histórico específico com o qual se deseja trabalhar. Isso permite que a IA aprenda características visuais e estilísticas pertinentes a esse contexto, assegurando que a reconstrução histórica seja baseada em elementos amplamente reconhecidos como autênticos. Na segunda etapa, após o treinamento, a criação de uma metafotografia começa com a produção de um ‘prompt’ descritivo. Um prompt é um comando textual que instrui a IA a gerar uma resposta baseada no texto fornecido. No contexto das metafotografias, o prompt é uma espécie

de história oral, no qual o metafotógrafo descreve detalhadamente o fato que deseja criar, incluindo elementos específicos da cena, atmosfera, qualidades subjetivas e ações dos personagens. A partir deste comando descritivo, a IA gera uma imagem que reflete as instruções do prompt, incorporando o conhecimento visual adquirido durante o treinamento, resultando em uma representação visual que chamamos de estórica, ou seja uma encenação visual de um “e se” para o passado. A partir dessa imagem gerada, é possível realizar ajustes progressivamente, em outras palavras, novas revelações, refinando detalhes ou modificando alguns aspectos, o que permite a realimentação do sistema e aprimora continuamente a capacidade da máquina de interpretar e visualizar fatos históricos e estóricos daquele contexto com maior precisão e profundidade.

Este processo está intimamente ligado à noção de utopia, um conceito cunhado pelo escritor inglês Thomas More no século XVI, em sua obra seminal, “Utopia” (1516). Em grego, tópos significa lugar e o prefixo “u” tende a ser empregado com significado negativo, de modo

que utopia significa “nenhum lugar” ou “lugar que não existe”. Utopia trata de uma ilha imaginária com um sistema político e social perfeito. Ao se referir a “utopia”, More criou uma palavra para desafiar e expandir as fronteiras do real, explorando o que poderia ter sido ou o que ainda pode vir a ser. Incorporando elementos utópicos, o metafotógrafo convida o observador a imaginar realidades alternativas. Assim, a metafotografia não se limita a reproduzir o passado; ela oferece uma visão que pode ser simultaneamente nostálgica e revolucionária, ancorada na história, mas apontando para outros futuros possíveis. Aqui, utopia não é apenas um ‘outro lugar’, mas também um ‘outro tempo’ — uma reconstrução que reflete tanto as realidades passadas quanto as possibilidades futuras, desafiando nossa compreensão do mundo como conhecemos e permitindo que vislumbremos como as coisas poderiam ser em uma dimensão ideal.

Refletindo sobre o potencial transformador das metafotografias, percebemos que, ao capturar ou recriar momentos históricos, elas proporcionam uma plataforma para explorar alternativas utópicas ao

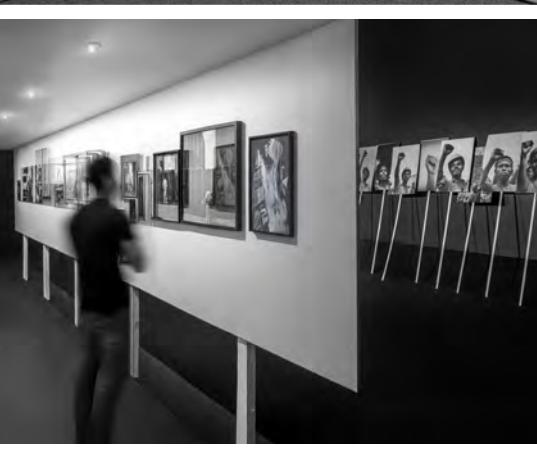
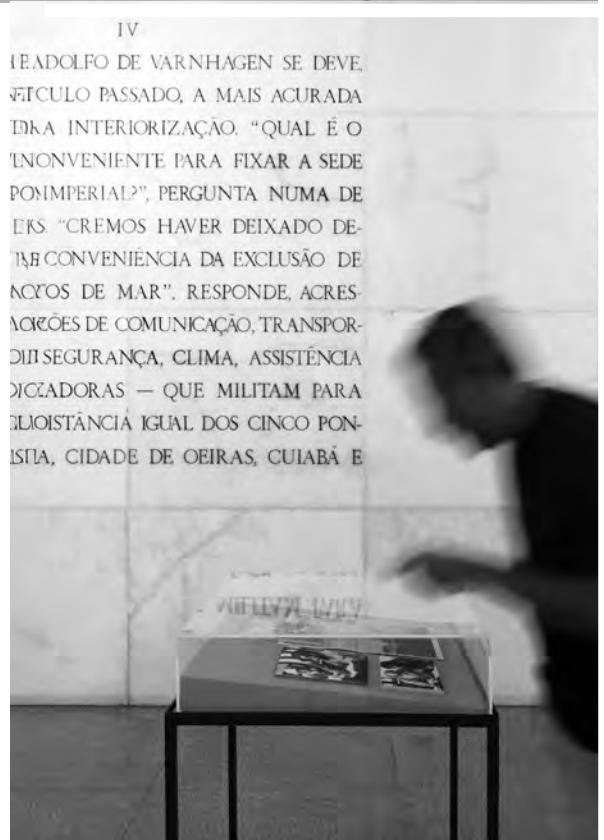
passado registrado. A metafotografia serve como uma ponte entre o atual e o imaginário, permitindo aos metafotógrafos e observadores transcender as limitações do registro factual e embarcar em uma nova jornada rumo a um outro lugar-tempo. Ao operar dentro desta dimensão utópica, a metafotografia não se confina à replicação do visível; ela busca expandir os horizontes da representação histórica, estimulando uma reflexão crítica sobre a história e suas múltiplas interpretações. Essa abordagem desafia não só a nossa percepção do que foi, mas também do que poderia ter sido, ou ainda do que pode ser no futuro. Fazer metafotografias é um exercício de estoriografar, ou seja, propor narrativas especulativas à história oficial. Ao fazer estória, a metafotografia enfatiza a natureza criativa e hipotética das imagens, sugerindo uma exploração de cenários alternativos e suas implicações no presente. Em síntese, a metafotografia é a força de Exu, que matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje. Laroyê Exu!



CENTRO CULTURAL TRÊS PODERES
Praça dos Três Poderes

1. Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves
2. Espaço Lúcio Costa
3. Museu da Cidade de Brasília
4. Espaço Oscar Niemeyer





IV

LEADOLFO DE VARNHAGEN SE DEVE, FÍCULO PASSADO, A MAIS ACURADA IDEA INTERIORIZAÇÃO. "QUAL É O INCONVENIENTE PARA FIXAR A SEDE PONTEIRAL?", PERGUNTA NUMA DE ERS. "CREMOS HAVER DEIXADO DESTE CONVENIÊNCIA DA EXCLUSÃO DE NOVOS DE MAR". RESPONDE, ACRES-CIÇÕES DE COMUNICAÇÃO, TRANSPORTE, SEGURANÇA, CLIMA, ASSISTÊNCIA DIZIDORAS — QUE MILITAM PARA SITUAÇÃO IGUAL DOS CINCO PONTEIRAS, CIDADE DE OEIRAS, CUIABÁ E







Sexo e política até mais tarde¹. “Mas talvez a mais intrigante discussão colocada aqui sobre a construção de realidades, mitos e verdades de Brasil esteja em uma imagem que passa quase despercebida, sem alarde. À primeira vista, João e Carlos, da série Brasília, Enfim (2022), elaborada por Christus Nóbrega “em parceria” com uma inteligência artificial, parece uma fotografia histórica. Digamos que ela deliberadamente se disfarça de fotografia documental. Poderia ter sido feita por Thomas Farkas, Marcel Gautherot ou qualquer um dos fotógrafos que registraram a construção de Brasília. Porém, o beijo apaixonado entre os dois candangos, nomeados João e Carlos no título, anuncia, enfim, uma outra sociedade. Mais justa, mais amorosa, mais diversa. Uma sociedade imaginada e desejada que se vê refletida, em outro canto da exposição, na fotografia de Alair Gomes de um folião sexy com a camiseta “make love not war”. Duas imagens-fundamentos de uma curadoria que usa de jogos de espelhos e de artifícios para perguntar ao espectador: qual a sua imagem de Brasil?”

¹ Trecho extraído da crítica de Paula Alzugaray à exposição Delírio Tropical (2025), com curadoria de Orlando Maneschy e Keyla Sobral, realizada na Pinacoteca do Ceará, em Fortaleza, como parte da terceira edição do Fotofestival Solar. A matéria foi publicada na revista seLecT em 24 de abril de 2025. Disponível em: <https://select.art.br/uma-novela-a-ser-escrita/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CHRISTUS NÓBREGA (1976) é artista e professor do Departamento de Artes Visuais (VIS) da Universidade de Brasília (UnB). Doutor e Mestre em Arte Contemporânea pela UnB. Atuou no curso de Pós-Graduação em Artes da mesma instituição. Sua pesquisa poética parte das teorias do território, atravessadas por ideias de ficção e memória, história social e individual. Utiliza a residência artística e a alteridade como métodos. Vem participando regularmente de exposições nacionais e internacionais. Recentemente, realizou exposições individuais no Centro Cultural Banco do Brasil (2017/2018), Bienal de Curitiba (2018) e Centro Cultural Justiça Federal (2024). Suas obras integram acervos e coleções privadas e institucionais, como Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro), Museu Nacional (Brasília), Central Academy of Fine Arts (Pequim), entre outros. Autor de livros e artigos científicos na área de artes e arte/educação, foi premiado pelo Programa Cultural da Petrobras (2004 e 2011) e pelo Museu da Casa Brásileira (2004). Foi indicado ao Prêmio PIPA (2017 e 2019). Em 2015, representou o Brasil na China pelo Programa de Residência Artística do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Em 2019, pelo mesmo programa, representou o Brasil na Austrália, resultando em exposições individuais no país e projeto de pesquisa de Pós-Doutorado no PPGArtes na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Metafotografia: modos de estoriografar apresenta a estratégia proposta pelo artista Christus Nóbrega, desenvolvida a partir do processo de criação da imagem *João e Carlos* (2022), realizada para a exposição *Brasília, enfim* (2023) — a primeira no Brasil a empregar massivamente a inteligência artificial generativa, ocupando, simultaneamente, os quatro museus que compõem o complexo cultural da Praça dos Três Poderes, durante o aniversário de Brasília, em abril de 2023. O procedimento, denominado estoriografar, baseia-se em uma série de protocolos de treinamento de máquina, que buscam tornar os sistemas de inteligência artificial capazes de criar imagens do tipo metafotográficas ou metadocumentais — isto é, imagens que reimaginam o passado, ampliam narrativas históricas e abrem possibilidades para novos futuros. A publicação integra a coleção *Caderno de Artista*, na qual o artista compartilha reflexões sobre as ideias e os processos criativos de seus trabalhos.

ISBN: 978-65-01-44865-7



9 786501 448657